



## **SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO, FRUIÇÃO DA LITERATURA E O MÉTODO RECEPCIONAL NA EDUCAÇÃO LITERÁRIA**

### **ABOUT RECEPTION AESTHETICS, LITERARY TEXT FRUITION AND RECEPTION THEORY IN LITERARY EDUCATION**

Simone Maria Oliveira Coelho e Sales<sup>1</sup>

Noemi Campos Freitas Vieira<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão sobre a Estética da Recepção e o seu principal elo no processo literário, bem como sobre a Fruição do texto literário e sua importância na formação de leitores. Além disso, consiste em discutir o Método Receptional, que tem como objetivo criar condições para que o aluno se transforme em um leitor fruidor, sendo capaz de compreender e não apenas de fazer uso do texto literário de forma aleatória. A problemática que se discute neste trabalho é saber como se aborda a leitura de textos literários na escola com o intuito de formar leitores de literatura, fomentando a educação literária, uma vez que nem sempre o professor desperta o gosto pela leitura em seus alunos e consegue torná-los leitores literários em potencial.

295

**Palavras-chave:** Estética da Recepção; Método Receptional; Educação Literária.

**Abstract:** The aim of this paper is to present a reflection on the Reception Aesthetics and its main link in the literary process, as well as on the Literary Text Fruition and its importance in the formation of readers. Moreover, it consists in discussing the Reception Theory, which aims to create conditions for the student to become an instrumentalized reader, being able to understand and not just make use of the literary text at random.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em LETRAS pela FACULDADE DE FILOSOFIA E LETRAS DE DIAMANTINA (2003). Atualmente é professora efetiva de Língua Portuguesa na E. E. Isaltina Cajubi Fulgêncio, exercendo a função de Diretora (2019/2022) e Mestra pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM na linha de pesquisa Nr 4 - Currículo, Avaliação e Formação de Professores. Tem experiência (15 anos de atuação) na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura.

<sup>2</sup> Professora no curso Licenciatura em Educação do Campo, área Linguagens e Códigos - Literatura, na Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Membro permanente do corpo docente do Mestrado Profissional em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFVJM). Doutora (2009-2013) e Mestre (2005-2007) em Letras (Teoria da Literatura) pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UNESP/São José do Rio Preto-SP. Possui graduação em Letras (Licenciatura em Português/Inglês e Respectivas Literaturas) pela Universidade Federal de Uberlândia (2003). Atuou como professora substituta na área de Literatura e Prática de Ensino de Literatura no curso de Letras do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (2004-2006; 2008-2010) e no curso semipresencial de Letras da FEIT/UEMG em Ituiutaba-MG (2008). Áreas de interesse: educação literária; formação de leitor literário; letramento literário; literatura brasileira; teoria da literatura.



The problem discussed in this paper is to know how to approach reading literary texts in school in order to train readers of literature, fostering literary education, since the teacher does not always arouse the taste for reading in his students and can make them literary readers.

Keywords: Reception Aesthetics; Reception Theory; Literary Education.

## **Introdução**

Para uma reflexão mais aprofundada acerca da Recepção Literária, primeiramente, é importante destacar considerações teóricas feitas por Hans Robert Jauss (1997) em sua aula inaugural, em 1967, na Universidade de Constança. No trabalho, com o título *O que é e com que fim se estuda a história da literatura?*, o Jaus analisa o modo pelo qual a teoria literária, ao longo do tempo, apresenta a história da literatura, levando em conta as estratégias de ensino, tradicionais, e solicitando uma análise sobre as mesmas.

Dessa maneira, Hans Robert Jauss – considerado grande expoente da Teoria da Estética da Recepção – lança indagações sobre a história da literatura. Embora julgado por muitos, o ano de 1967, como data de nascimento da Estética da Recepção, na verdade, pode-se dizer que essa aula inaugural em Constança foi a culminância de um processo que fora discutido por teóricos bem antes dessa data mencionada.

Desde as discussões desses teóricos, é relevante observar que desde as concepções de Aristóteles e o decurso de tempo até a Estética do século XX, o leitor é peça fundamental para materializar, atualizar o texto literário, fato que resulta da leitura, que ocorre com um sujeito apto a efetivá-la.

É sabido que foi Aristóteles (384 – 322 a.C.) o mais remoto precursor da Estética da Recepção. Foi este pensador grego que conferiu ao receptor e ao efeito sobre ele causado pela obra uma importância que só voltará a se manifestar significativamente no século XIX e sobretudo no século XX. (CAPATTO, 2005, p.27).

No instante da recepção do texto, o leitor, é reconhecido enquanto “subjetividade variável”, pois depende de suas vivências para produzir seu repertório na construção de sentido e no preenchimento das fendas deixadas no texto. Na verdade, esse repertório é toda experiência que o leitor traz consigo, isto é, o conjunto de normas sociais, históricas, culturais, que são importantes à sua leitura. Assim, cabe à escola proporcionar a construção do conhecimento do aluno em todo e qualquer aspecto, atentando para a formação de sujeitos na busca de sua cidadania, em uma de troca de saberes. Cabe lembrar a discussão dos bens incompressíveis feita por Antonio Candido, segundo a qual são aqueles referentes a bens culturais e imateriais, a que todos devem ter acesso. Que essa leitura não seja formalizada, calcada na instrumentalização que não considera o elo entre o sujeito e a literatura na leitura de fruição.

## **Reflexão sobre a Estética da Recepção Literária**



Muitos teóricos trabalharam para a constituição do conceito de leitor, como Roman Ingarden (1931), cujos princípios estão pautados na materialização da obra literária. Para ele, o leitor elege seus recursos, organizando-os de forma a excluir, apontar e concretizar certos elementos que fazem parte de seu repertório. Uma das grandes categorias proposta pela Estética da Recepção diz respeito à dimensão coletiva da leitura.

Nesse viés, para Jauss (1967), a experiência estética não começa pelo entendimento e interpretação de uma obra; muito menos, por tentar refazer o desejo de seu autor. Ela se realiza pela sintonia de seu efeito estético na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Para ele, é preciso “aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo” e “reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos”. (LIMA, 1979, p. 46).

O autor vê, na Poética de Aristóteles, um prenúncio, apesar de muito remoto, do prisma recepcional, porque constitui a perspectiva da catarse, enquanto aspectos vivenciados pelo receptor da obra de arte, como requisito para determinar a qualidade desta. Neste caso, ao ler um texto, o leitor questiona condutas sociais e tenta mudá-las, reforçando o caráter educativo, crítico e humanizador da literatura.

Muitos foram os teóricos que discutiram sobre essa Teoria sob o prisma do Método Recepcional. Alguns autores que mais se destacaram nesse aspecto foram Roman Ingarden em *Obra de Arte Literária*, 1931; Roland Barthes, em *O prazer do texto*, de 1937; Robert Escarpit, com seu *Sociologia da Literatura*, 1958, e *A ordem dos livros*, 1922.

Apesar desses autores terem em comum o foco de seus estudos que é a literatura e a recepção, suas concepções sobre o que enfocar da recepção apresentam suas peculiaridades. As diferentes visões sobre como receber e atualizar um texto literário passaram a ser denominadas de Vertentes da Teoria da Recepção. A valorização do receptor/leitor e a expressão Estética da Recepção estão correlacionadas por ideais constituídos por Hans Robert Jauss, o mais importante autor das teorias do aspecto recepcional.

Assim, a Estética da Recepção foi dividida em três linhas de abordagens:

- 1) Jauss (1978; 1994) aparece como um dos autores mais exponenciais e mais significativos entre os que colocam o leitor e a leitura como elementos privilegiados nos estudos literários. As ideias de Jauss são particularmente conhecidas sob a rubrica de Estética da Recepção. Além de pensar o caráter artístico de um texto em razão do efeito que este gera em seus leitores, Jauss também propõe uma nova abordagem da história literária pautada também no aspecto recepcional. [...] Jauss reivindica que se tome como princípio historiográfico da literatura o modo como as obras foram lidas e avaliadas por seus diferentes públicos na história.
- 2) Outra vertente da teoria recepcional, o Reader-Response Criticism, desenvolveu-se mais nos domínios americanos. Seus representantes mais difundidos em nosso meio são Stanley Fish (1980), Jonathan Culler, e seu representante alemão, Wolfgang Iser (1999). O que esses teóricos têm em comum parece ser o fato de pensarem mais especificamente nos efeitos que



os textos desencadeiam em cada leitor. [...] esses autores consideram que o texto só ganha existência no momento da leitura e os “resultados” ou “efeitos” dessa leitura são fundamentais para que se pense seu sentido.

3) Também caracterizada como uma teoria recepcional, a Sociologia da leitura tem um sotaque eminentemente gaulês, como o provam a maioria de seus representantes, capitaneados por Robert Escarpit (1969), um dos autores pioneiros, a quem se seguiram outros como Roger Chartier (1996; 1999) e Pierre Bourdieu. [...] Para esses autores, o estudo da literatura é feito por via dos elementos que dão sustentação para que ela exista, a saber, o público (leitores), o próprio livro e a literatura. Escarpit entende a literatura não a partir de seus elementos textuais, mas como um tipo de leitura que é feito por gratuidade e que permite a evasão, o que exclui de suas pesquisas o aspecto estético. [...] Chartier, por sua vez, volta-se mais especificamente à história do livro e da leitura, privilegiando o aspecto das apropriações que os leitores fizeram dos textos, a história da leitura, bem como a materialidade dos textos enquanto aspecto que exerce influências diretas sobre as leitura(s) que se pode(m) fazer de um texto. (ZAPPONE, 2009, p. 156).

Para Jauss (1997), as outras abordagens teóricas desconsideram a história nas análises do texto literário. Apesar de tratarem das questões da recepção da obra literária, esses autores se posicionaram de forma diferente, com um desdobramento muito peculiar, pois voltaram-se para as questões ligadas ao próprio texto (a obra).

298

O autor faz uma análise da evolução da história da literatura através da crítica ao formalismo russo que, quando fala da história, o faz de forma errada e inconsistente, segundo sua visão, pois essa corrente crítica afirma a plena soberania do texto, que se impõe ao indivíduo por dispor de uma estrutura autossuficiente, cujo sentido dá-se apenas por meio de sua organização interna. De forma diferente, a Estética da recepção muda o foco: sai do texto enquanto estrutura permanente dirigindo-se ao leitor. Este que faz da literatura uma instituição social.

Por esse viés, teóricos de inúmeras áreas de conhecimento vêm se questionando na tentativa de responder perguntas acerca dos processos que se desencadeiam quando estamos lendo. A leitura enquanto processo, competência e prática social ou coletiva tem sido amplamente estudada. Apesar da ligação entre leitura e literatura ser muito clara, o âmbito dos estudos literários só começou a tematizá-la no início do século XX e, de maneira mais ordenada, na década de 1960.

Pode-se considerar que esse esforço é afluente, na maior parte, do direcionamento dos princípios de autor, de texto e de leitor. Para Jauss (1994) o sentido da obra literária está justamente nessa relação entre literatura e leitor. O autor, ao criar uma obra, precisa ter em mente, também, o leitor.

Ainda que o autor seja o produtor do texto, isto é, o que promove linguisticamente as ideias, sentimentos, opiniões, compreende-se que ele não domina os sentidos que sua produção pode provocar. O autor não é mais visto como o “dono” do sentido do texto nem por quem vai ler, nem por aqueles responsáveis por editar a obra ou modificar o original em um produto que será apreciado.

Por sua vez, a obra, desprende-se dos vínculos “estruturalistas/funcionalistas” que concediam tão somente à textualidade as entradas para se interpretar uma obra.



Com as novas formas de estudo da linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que começaram a analisar mais acentuadamente a relação entre linguagem e sociedade, a obra deixou de ser simples composição linguística que traz consigo opiniões, considerações, informações ou ideias de seu autor.

Em qualquer aspecto, o leitor é a autoridade encarregada para dar sentido ao que está lendo. Dessa forma, os textos são entendidos baseados em uma experiência de vida, de leituras de um certo momento histórico que coloca o leitor como peça primordial na criação do processo de significado provocado pela leitura da obra. “Quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos.” (EAGLETON, 2006, p. 108). Isso só acontece, porque, os horizontes de expectativa da obra se encontram com os do leitor, no instante da leitura. Com isso, conforme o momento histórico e as experiências vividas, o leitor vai, aos poucos, alcançando sua função como formador de sentidos.

Jauss, em sua crítica à História da Literatura, fundamenta-se na questão de que a Teoria Literária organiza as obras conforme alguns aspectos: ora analisando as obras específicas cronologicamente, ora “seguindo a cronologia dos grandes autores e apreciando-os conforme o esquema de ‘vida e obra’” (JAUSS, 1994, p.6) e declarando que a História da Literatura, ao acompanhar um clássico ou falar da vida e obras dos autores, deixa de apreciar a historicidade das obras, desprezando o aspecto estético da criação literária, visto que a peculiaridade da obra literária não decorre nem das circunstâncias reconhecidas historicamente, nem tão só de sua situação no contexto, porém dos critérios da recepção, do resultado gerado pela obra e de sua notoriedade.

299

Na visão de Eagleton, qualquer obra, por mais estável que pareça, na realidade apresenta lacunas que somente o leitor é capaz de preenché-las, como as indefinições que, para apresentar um resultado, dependem da interpretação do leitor, este é destacado como ativo no processo e fundamental na inteireza do texto ao preencher os vazios deixados pelo escritor. Nesse sentido, as considerações do autor apresentam, ainda, o conceito de horizonte de expectativas enquanto passo mais essencial da recepção, evidenciando como ocorre o processo de atribuição de sentidos ao texto. No que se refere ao horizonte de expectativa, Jauss esclarece:

[...] sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que, no momento histórico do aparecimento de cada obra, resulta do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas, bem como da oposição entre linguagem poética e a linguagem prática. (JAUSS, 1994, p. 27).

Baseado em experiências anteriores, “um saber prévio” (JAUSS, 1994, p. 28) diz respeito às vivências de leituras que propiciam ao leitor entender e receber uma obra. Alguns gêneros, cuja temática seja ligada ao dia a dia do leitor, como um romance, é um bom exemplo de expectativa em que o leitor busca elementos cotidianos para esse tipo de leitura. Ao mesmo tempo, o autor coloca que o fato novo, a obra de qualidade e de grande valoração, é aquela que contraria a expectativa do leitor, causa o estranhamento, fazendo-o reestruturar o horizonte interno de suas compreensões.

É prática muito comum nas escolas o trabalho de acordo com a cronologia, vida e obra de autores, revelando que está intimamente ligada às metodologias tradicionais



de ensino e demonstrando-se taxativa, o que não mais seduz o leitor, visto que desconsidera as contribuições apresentadas pelas obras acerca do conteúdo humano.

Zilberman em *Estética da Recepção e História da Literatura* (1989) aponta a inovação trazida por Jauss (1996) ao transferir os olhares para o sujeito, receptor do texto literário, que ler o texto é ator principal, pois é através dele que a obra passa a ter novos sentidos. Assim, “[...] O primeiro passo para a formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 18).

Regina Zilberman (2001) menciona que as obras literárias, pelas suas indefinições, são caracterizadas mais pela ausência do que pela existência. Os espaços que há na obra precisam ser preenchidos pelo leitor para atualizá-la, concretizá-la, fazendo desse sujeito leitor, um coautor de sua produção. E afirma: “São as indeterminações que permitem ao texto ‘comunicar-se’ com o leitor, induzindo-o a tomar parte na produção e compreensão da intenção da obra”. (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

Essa atuação do receptor do texto ocorre pela habilidade de imaginação e interpretação. Sabendo que sempre haverá leitores que irão buscar criações artísticas de outros tempos para lerem, esse fato faz com que essas criações se atualizem perenemente (ZILBERMAN, 2008). Nesse sentido, tanto Zilberman quanto Jauss (1994) consideram que o leitor não é uma folha de papel em branco em que o texto sobreporá o seu sentido. Pelo contrário, diante de um texto literário, o leitor traz seu repertório de obras, valores, concepções do seu contexto, que servirão de estrutura para interpretá-lo.

Após apresentar seu pensamento acerca dos conceitos de literatura e a recepção de uma obra, Jauss (1994) propôs uma reformulação, como reescrita de uma nova história literária. Para isso, o autor lança mão de temas que esclarecem a sua proposta, as sete teses.

A primeira tese concebida por ele refere-se à historicidade da literatura, que não se refere ao decurso de fatos literários, mas à interação estabelecida entre a obra e o leitor, que atualizará aquela durante a leitura (ZAPPONE, 2009).

Na segunda tese, Jauss (1994) menciona que o horizonte de expectativa do leitor é que estabelece a sua recepção.

Na terceira tese, por considerar que o horizonte de expectativa pode ser alterado, Jauss (1994) propõe que uma outra concepção, para ele, o cunho artístico das obras pode ser medido, no aspecto de distância estética. Uma obra pode contentar o horizonte de expectativas do sujeito leitor ou aguçar nele o estranhamento, quebrando esse horizonte, em variados graus, guiando o leitor a novas visões da realidade.

Nesse contexto, Iser (1996) faz apontamentos sobre o efeito da obra no leitor. Qualquer um dos pontos de vista, tanto possibilita uma determinada óptica do objeto desejado como também viabiliza a perspectiva das outras. Isso resulta do fato de que as perspectivas presentes no texto se misturam, mas não se atualizam paralelamente (ISER, 1996). Portanto, os autores supracitados nos fazem entender que uma obra nos permite não somente apreciar o objeto, mas também, conseguir ver outros pontos de vista.



Na quarta tese, Jauss (1994) aconselha-se a observar os vínculos atuais do texto com a período de sua publicação, analisando se a obra atendeu a expectativa e aos anseios do leitor, conforme o horizonte de expectativa que esse leitor traz consigo. Nesse sentido, o trabalho feito a partir de uma Sequência Didática, onde há o momento da motivação para a leitura, apresenta a obra literária para os alunos, oportuniza a leitura e abre um espaço para a interpretação da parte dos discentes em relação à obra lida, é notório que existe um diálogo dessas sequências aplicadas na sala de aula com a Estética da Recepção. No momento da leitura, o aluno/leitor já vai construindo sua interpretação, preenchendo as fendas deixadas pelo autor. Rildo Cosson (2016) propõe as Sequências Básica e Expandida para auxiliar o trabalho do professor e otimizar as práticas com os alunos. Nesse aspecto, o autor menciona que “a interpretação parte do entretencimento dos enunciados que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (2014, p. 64) . Lembrando que a escolha da obra para a leitura dos alunos é de grande importância, pois deve-se observar a qualidade estética da obra bem como a leitura feita pelo professor. Se a escola é o *locus* para formação de leitores literários, cabe a ela propiciar bons momentos e boas obras para que os alunos consigam fruir, se apropriarem e busquem em seu repertório de experiências subsídios para atualizarem a obra lida.

Segundo Jauss (1967), a transmissão da arte presume uma conexão dialógica do presente com o passado. Essa ligação se dá em consequência da obra do passado somente poder responder e “dizer alguma coisa” se aquele que hoje a contempla houver colocado a pergunta que o traz de volta de seu isolamento (JAUSS, 1994. p. 40). Para ele, conseguir refazer o horizonte de expectativa é um ponto fundamental para a construção de sentido.

Acerca dessas quatro primeiras teses que o autor usa para alicerçar a sua estética fundamentada na recepção, Jauss (1994) desenvolve outras três teses, nas quais ele procura demonstrar que a história literária considere o entendimento gradual da literatura e o aspecto produtivo. Portanto, nas palavras de Jauss citado por Zappone (2009) “Este projeto de história literária articula-se em torno de três aspectos: 1) de seu caráter diacrônico, 2) de seu caráter sincrônico e 3) da relação entre literatura e vida prática.” (ZAPPONE, 2009, p. 160). A obra literária apresenta suas variadas recepções no decorrer dos séculos, e o público reage a ela de diversas maneiras. Por ser possível as inúmeras interpretações entre o passado e a concretização do presente, com múltiplas respostas dadas a novos questionamentos, em diferentes épocas, considera-se a marca de sua historicidade. Dessa forma, o que foi proposto por Jauss (1994) faz com que a literatura se desvencilhe da restrição das obras de um dado momento histórico.

Cabe destacar que Jauss (1994), ao discorrer sobre suas teses, o faz de forma que as quatro primeiras teses vislumbram as questões da recepção, no entanto, as três últimas teses mostram como o teórico antevê o estudo da obra literária, independentemente da diacronia, sincronia, mas ligados com a vida e com a literatura.

A quinta tese é sobre o aspecto diacrônico e faz apontamentos sobre as várias recepções ao longo do tempo, correspondência dialógica presente na temporalidade. O espaço de uma obra numa cadeia literária não pode ser definido somente em consequência de sua recepção inicial.



A sexta tese faz reflexões sobre o aspecto sincrônico, vergando-se sobre os elementos externos ao texto e a correspondência obra/leitor, além de investigar a ligação que possa ter entre as obras literárias que circulam em um mesmo período. Na perspectiva de Zappone (2009, p. 161), toda obra deverá ser consumida acerca de sua história de recepções, “num movimento diacrônico que articula várias fases, mas deve, também, articular a leitura da obra no momento de seu aparecimento”.

No aspecto sincrônico, a História da Literatura busca um momento determinado de vínculo entre as obras produzidas numa mesma época e quebram paradigmas e abrem novas tendências na literatura. Para Jauss (1994), a sincronia é fator fundamental para a apropriação de uma característica muito peculiar da historiografia da literatura, logo, ao se analisar trabalhos artísticos-literários de um dado período, obras literárias, por exemplo, revela-se a “evolução literária” que dá prioridade a um gênero comparados a outros da mesma época dialogando entre a diacronia e sincronia, que ocorre no decurso de compreensão da obra literária.

A sétima e última tese de Jauss (1994) demonstra o caráter emancipatório que se evidencia no papel social da literatura. Conforme apresentado neste trabalho, a experiência estética da literatura emerge da chance de nela se demonstrar a prática do dia a dia de maneira diferenciada. Ao pensar nas vivências do receptor do texto literário, Jauss (1994) considera que não se deve pensar em literatura, apenas no seu valor estético e artístico, mas também acerca dos seus efeitos éticos, sociais, psicológicos que se possa suscitar. Assim, a literatura é capaz de quebrar com a visão corriqueira que o leitor tem acerca dos próprios fatos de seu cotidiano no momento que concede “antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura” (JAUSS, 1994, p. 52).

Portanto, o caráter emancipatório e o papel social da literatura fazem com que o texto literário tenha a capacidade de mudar comportamentos, ideias, natureza social, entre outras coisas. Se a literatura não cumpre esse papel, perde, ainda que em menor intensidade, o seu valor.

## **A Fruição do Texto Literário**

Conforme o dicionário de língua portuguesa, a fruição é o ato ou efeito de fruir; gozo; posse; usufruto. Essa palavra denota proveito, desfrute até chegar ao gozo, o ápice do prazer, sentimento que envolve o indivíduo por completo física e psicologicamente.

Na filosofia encontra-se a diferença entre uso e fruição: “Do bem que desejamos por si mesmo não fazemos uso, visto que o uso é uma das coisas que servem de meios e instrumentos, mas a *fruitio* é como o fim da coisa proposta” (ABBAGNANO, 2013, p. 472 *apud* OBERG, 2007, p.22). Assim, a concepção de fruição é aquilo que acaba em si mesmo, sem objetivos, que é feita conforme a vontade ciente ou não de sentir um certo tipo de relação com alguma coisa.

No que diz respeito à obra literária, tanto Roland Barthes, em seu livro *O prazer do texto* (1987), quanto Hans Robert Jauss, com a obra *Fruição estética* (1996),



relacionam o ato de ler diferentes linguagens ao prazer e à satisfação. É dessa maneira que dever-se-á fomentar a leitura para as crianças e jovens não somente na escola, uma leitura com prazer, com “gosto e gozo”. Sem finalidades avaliativas e cobranças, sem o tradicionalismo e obrigação.

Nas escolas brasileiras, hoje, é muito constante o discurso referente ao desinteresse dos alunos em ler, principalmente, o texto literário. Percebe-se muito claramente a dificuldade e a falta do prazer por essas leituras, não somente na escola, como também fora dela. Os alunos não apresentam disposição para ler com “satisfação, alegria, júbilo, desejo e vontade até adquirir o ponto máximo que é o prazer”. (OBERG, 2007, p. 23).

A fruição sensibiliza o sujeito em várias dimensões: sensorial, criativa, intelectual, cultural e afetiva, até alcançar o ápice, instigando no aluno o prazer da leitura, bem como fazendo-o “degustar” o texto literário de forma que o leitor possa “viajar” pelo desconhecido, desenvolver-se culturalmente, participar de outras experiências de vida e, com isso, saber a sua própria história.

Barthes (1987) afirma que, se o texto é lido com prazer, entende-se que foi escrito com prazer, mas há uma indagação quando o próprio autor questiona, que não se tem certeza de que esse prazer do escritor provocará prazer no leitor; para Barthes isso depende da forma como cada leitor recebe o texto.

Nesse sentido, é necessário retomar os teóricos Hans Robert Jauss (1997) e Wolfgang Iser (1996) acerca da Estética da Recepção, pois, segundo eles, é preciso fendas e lacunas que permitam a entrada do leitor no texto. Os autores consideram o prazer do texto a partir da impossibilidade de o produtor da obra prever o que cada leitor faria com o que ele escreveu, por haver no texto muitas lacunas (ISER, 1996). O leitor preenche os espaços atualizando a obra a cada leitura.

No entanto, existem textos que não proporcionam a fruição, sendo aqueles em que o leitor não encontra espaços para adentrar; este, por sua vez, não busca fazer uma leitura diferente do que já está escrito. Sob essa ótica, Bordini e Aguiar (1988, p. 18) afirmam que “a familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler.”. Entretanto, existem muitos leitores que não conseguem observar os implícitos, tendo então a dificuldade de ir mais além no texto. Mesmo sabendo que a obra fornece informações com caminhos a seguir, ainda assim as fendas dificultam a interpretação, obrigando o aluno a expandir o seu horizonte de expectativas para continuar a leitura da obra.

Nesse sentido, corre-se o risco de muitos leitores não conseguirem entender as entrelinhas e desistirem da leitura. Sob essa perspectiva, fica claro que, para haver a fruição, é necessário que o leitor mantenha uma relação com o objeto a ser fruído, o texto. “Assim, a categoria da fruição tem como ponto de partida o estabelecimento de vínculos e de ação do sujeito que frui” (OBERG, 2007, p. 22).

Em *O prazer do texto* (1987), Barthes especifica uma teoria do prazer. O autor revela a percepção rápida das coisas, afastando-se das linguagens e conceitos convencionados pelos princípios, o que fica implícito em seu conhecimento intelectual. O autor explica que o leitor chega à fruição do texto através do acesso às múltiplas linguagens. Entretanto, ao mencionar a fruição do leitor, afirma que:



esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o “drague”), *sem saber onde ele está*. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a “pessoa” do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo. (BARTHES, 1987, p. 9 – grifos do autor).

Ainda segundo Barthes (1987), o que possibilita a fruição do texto é o espaço criado entre a linguagem e o leitor, a organização dos vocábulos, os elementos da narrativa e a elaboração do conteúdo representam algumas particularidades de cada escritor externar os aspectos do dia a dia e assim expor as concepções do homem.

A reinvenção do texto a cada leitura, engajada no momento da fruição literária, é de cunho linguístico e imaginativo, principalmente. Devido ao fato de o texto não estar completamente preenchido de significados, e devido à mencionada imprevisibilidade no espaço da fruição, o que está dentro do texto necessita ganhar vida, e quem o faz, é o leitor.

Para que a leitura literária aconteça de forma prazerosa é imprescindível investir na leitura de fruição, na leitura deleite para leitores e ouvintes. Também é importante ressaltar que todo esse processo de escolha e definição de como trabalhar a literatura encaminha o aluno ao letramento literário. A fruição literária é uma categoria fundamental da significação e da experiência estética, é promover viagens a universos distintos, é sentir o texto, possibilitar ao leitor alçar voos e ser levado pela imaginação.

É preciso mostrar aos alunos as diferenças da linguagem literária em relação à linguagem não-literária. Esta última, por sua própria natureza, possui mecanismos que direcionam a leitura, para assegurar que o leitor entenda o que está escrito, em uma espécie de sentido pré-determinado. Por sua vez, a linguagem literária é aberta, cheia de fendas, que são preenchidas por quem lê.

Barthes, ao falar do prazer do texto e da fruição literária, algumas vezes recorre à substituição de um termo pelo outro, e em outros momentos os diferencia, analisando as características distintas e expressividade. O próprio autor relata dificuldades em distinguir as expressões “prazer do texto” e o “texto de prazer” e reitera que “essas expressões são ambíguas porque não há palavra francesa para cobrir ao mesmo tempo o prazer (o contentamento) e a fruição (o desvanecimento). O ‘prazer’ é, portanto, aqui (e sem poder prevenir), ora extensivo à fruição, ora a ela oposto.” (BARTHES, 1987, p. 28).

Nesse sentido, o autor explica as gradações de intensidade, que crescem no prazer, fruição e gozo. Barthes (1987) menciona que na leitura de um texto há um conjunto de fugas do leitor, ele pode sair de uma consciência, contentamento, satisfação, plenitude a uma perda, uma “deflação, *fading* que se apodera do sujeito no imo da fruição” (BARTHES, 1987, p. 12). Assim “temos de aceitar a expressão ‘prazer do texto’, que é ora especial, (prazer contra o gozo), ora genérica (prazer e gozo).” (BARTHES, 1987, p. 194).

Nesse sentido, entende-se que o ato de fruir presume muitas outras formas de gradações na experimentação do prazer. A mistura das expressões prazer, fruição, gozo, que mesmo em intensidades diversas, juntas, demonstram ideia de contentamento. Sabemos que, durante a leitura, o processo de fruição pode romper os horizontes de



expectativa do leitor; nem sempre o texto o agrada, mas isso não significa que não houve a fruição. De qualquer forma, o sujeito, ao ler um texto literário, busca em seu repertório individual, criado a partir de suas vivências, elementos que o ajudam a dar uma significação à obra.

## O Método Recepcional

A problemática que se discute neste trabalho é saber como se aborda a leitura de textos literários na escola, com o intuito de formar leitores de literatura. Com base nessas discussões, já feitas aqui, observa-se que formar leitores é um dos desejos que vai além do trabalho efetivo nas práticas de salas de aula, porque nem sempre nós, professores, conseguimos despertar o gosto pela leitura em nossos alunos, e muito menos torná-los leitores literários em potencial.

Como professores de língua portuguesa/literatura, sabemos que é uma missão difícil, devido a muitos aspectos externos ao mundo da leitura literária. A exemplo disso são os mais variados recursos tecnológicos dos dias atuais. Mas, isso não exime os docentes do compromisso de estar sempre em busca de ferramentas para que esse processo aconteça e, além de tudo, colocar em prática a função do professor de mediar o processo de leitura na escola.

Ler é algo que precisa ser ensinado, assim como se faz com as outras disciplinas. Entretanto, precisa de método, boa vontade e organização das aulas por parte dos professores, principalmente, os de Língua Portuguesa. No entanto, no que concerne aos caminhos e métodos para se chegar ao letramento, cabe aqui uma observação: se os Documentos Oficiais são de caráter normativo e nos dão suporte para o trabalho voltado para o letramento literário, o que dizer, se observamos a negligência, dos Documentos, em relação à literatura? Não estaríamos usando essa negligência como pretexto para não efetivar o processo de formar leitores?

Como o leitor é a instância maior desse processo, ele deverá ser instruído para fazer usufruto da arte e da estética, e especialmente da literatura. Vale ressaltar que esse trabalho ocorre acerca de um refinamento da linguagem. Ao romper com a tradição da teoria literária, e com o surgimento do letramento literário, a escola fica com a função indispensável de viabilizar esse trabalho com a literatura.

Nessa perspectiva, surge o Método Recepcional, um caminho metodológico para o trabalho com a literatura, uma vez que se pretende implementar, constantemente, o processo de formação do leitor na escola. Bordini e Aguiar propuseram este método, dentro dos estudos ligados à Estética da Recepção, que se baseou nos níveis de leitura de alunos do ensino fundamental verificadas por um diagnóstico na década de 1980. Composto um alicerce para sustentar o professor em suas práticas nas aulas de literatura, as autoras criaram cinco estratégias metodológicas, publicadas em 1993, os métodos: científico, criativo, recepcional, comunicacional e semiológico.

Em relação aos métodos propostos pelas autoras, Bordini e Aguiar (1993) o método científico faz da sala de aula uma espécie de laboratório para reflexão, onde se estruturam as práticas no mesmo esquema de uma pesquisa científica. Dessa forma, é importante um plano de ensino que apresente propostas de situações que provoquem os alunos, que instiguem o desejo de busca e o pensamento de solucionar problemas.



Para isso é fundamental que todos os alunos participem, que todos se engajem, que o assunto seja ligado ao interesse dos discentes, e que dominem todos os passos da investigação.

Outro método que as autoras propõem é o Criativo, que se associa às práticas de cunho artístico, como artes cênicas, plásticas, música e literatura, embora pertença, como possibilidade, a todo fazer humano. Este método precisa de alguns fatores constituintes criados pelo indivíduo e o seu contexto cultural e histórico. Quanto ao Método Comunicacional, e em relação ao ensino de literatura, está ligado aos mais variados atos de comunicação que são estabelecidos pelas suas próprias funções, sendo que as mensagens apresentam mais de uma função, mas apenas uma é predominante, em relação às outras. Considera-se que o método comunicacional vê o ensino da literatura a partir dos fatores de comunicação, destacando o aspecto expressivo dos textos, sem a preocupação conteudista, com os vocábulos, e outras práticas usadas na escola.

Quanto aos conceitos teóricos do Método Semiológico, Bordini e Aguiar (1993) defendem o ponto de vista de que a linguagem humana é um produto do meio social, resultante da interação entre as pessoas. As autoras apontam que, no que se refere a abordagem do texto literário, o método semiológico antevê um contexto de diversidade ideológica, possibilitando ao ensino da literatura o direito de transformação social, ao formar indivíduo consciente de condição e situação de sujeitos da História de seu povo e revelando as relações das pessoas em um grupo social.

306

O Método Recepcional se realiza com o intuito de promover o encontro entre o leitor e o texto literário, quando toda a historicidade de ambos vem à tona. Esse método é constituído em cinco passos, pensando sempre no horizonte de expectativas dos discentes. Para que se tenha sucesso, no trabalho com o Método Recepcional, é preciso da boa vontade, o envolvimento do professor, desde a primeira etapa, é importante que o mediador faça uma sondagem dos horizontes de expectativas do aluno. Dessa forma, deve-se conhecer a idade da turma em que se efetivarão essas práticas, bem como observar se os futuros leitores têm ou não conhecimento do que será trabalhado, só após isso, que se deve preparar o material.

Este primeiro passo, que determina o horizonte de expectativa, poderá ocorrer de variadas maneiras, como, por exemplo, através de um questionário para que os alunos respondam, uma conversa com a turma, uma observação direta ou outras estratégias que possam ser relevantes ao que se pretende trabalhar. Neste caso, consideremos o ponto crucial para trabalharmos esse método. Os indivíduos já carregam consigo suas experiências, antes mesmo de fazer uma leitura, o leitor já possui uma bagagem de vida, de mundo, horizonte de valores, decorrentes de suas vivências. Nesse encontro de obra e horizonte do leitor, poderá ou não sofrer alterações.

Outro passo é o atendimento do horizonte de expectativa, o professor deverá mostrar e oferecer as obras com os temas preferidos dos alunos, possibilitando-lhes experiências com os textos literários que atendam aos anseios e às necessidades quanto ao tema e método utilizado.

O terceiro passo a ser seguido é a ruptura do horizonte de expectativas, considerando, nessa etapa, um dos itens anteriormente citados, ficando a critério do professor, mas sugere-se que seja o tema, o tratamento, a estrutura ou a linguagem e



quebrando as outras técnicas constitutivas, de maneira que o aluno sinta que está adentrando em um lugar desconhecido, mas que se observe o fato da insegurança do discente, para que esse não rejeite a experiência. É fundamental que, nesta etapa, sejam apresentados aos alunos um texto que oferece um grau maior de exigência, para que este indivíduo busque em seu repertório subsídios para concretizar a leitura.

A próxima etapa será o momento de análise comparativa das experiências de leitura (as obras) onde surgem os questionamentos sobre o horizonte de expectativas. É um momento em que são feitas as críticas e posicionamentos sobre determinada obra.

Enfim, a quinta e última etapa do Método Recepcional considera a ampliação do horizonte de expectativas. As leituras não somente se referem às atividades da escola, mas também ao jeito como os alunos enxergam ao seu redor, seu mundo. Nesse momento, os leitores ganham consciência das mudanças e benefícios que conseguiram por meio da leitura. Confrontam os aspectos de “o horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada.” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 90-91).

É pertinente lembrar que o Método Recepcional é uma orientação para ajudar o trabalho do professor, e pode ser alterado, segundo o mediador considere necessário. Pode-se também adaptar com as propostas didáticas e pedagógicas, conforme as condições e a realidade do aluno.

Em uma avaliação feita pelo professor, este deve considerar o processo de cada leitura do discente, observando também a sua habilidade em fazer comparações e equiparar tudo o que foi feito durante a aplicação o trabalho com o texto literário, sua atuação e a do grupo, fazendo uma análise mais complexa, que a que fizera no início, nos aspectos estéticos e ideológicos. As autoras Bordini e Aguiar (1993, p.85) afirmam que: “[...] a atividade de leitura fundada nos pressupostos teóricos da estética de recepção deve enfatizar a chamada ‘obra difícil’ uma vez que nela reside o poder de transformação de esquemas ideológicos passíveis de crítica”.

Tendo em vista a educação literária, é importante compreender que o Método Recepcional, estabelecido sob a ótica da Estética da Recepção, bem como a apropriação do texto literário a partir da fruição literária, configuram uma grandeza social, porque possibilita a todos dentro do processo de leitura, professores e alunos, uma ampla interação e compartilhamento de experiências. Assim, com um trabalho contínuo e gradual, docentes e discentes vão construindo sentidos para os textos literários, dialogando entre si, com os autores e obras.

A leitura literária feita na escola traz inúmeros benefícios ao aluno. Pondera-se que as estratégias adotadas pelo professor para motivar a leitura da literatura levam, fundamentalmente, a uma educação literária. Nesta percepção, a leitura literária é compreendida como fonte de conhecimento e desenvolvimento de maneira que possa ampliar a visão de mundo por parte dos alunos. É uma atividade constante com a literatura, demonstrando que, a partir de um texto literário, sempre chegaremos a outros textos, construindo e reconstruindo sentidos.

**Referências bibliográficas**

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1987. 78p.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor** (alternativas metodológicas). 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CAPATTO, Renata Macedo. **Nas malhas do leitor: um estudo de teses e dissertações sobre leitura/recepção de textos (1980-2003)**. 2005. 342 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução Waltensir Dutra. [revisão da tradução João Azenha Jr.]. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Biblioteca universal).

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. V. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78p. Disponível em: <<https://ufprbrasileiraluis.files.wordpress.com/2015/02/jauss-arquivo-melhor.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2018.

308

\_\_\_\_\_. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 305-357.

JAUSS, Hans Robert et.al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Rev. Ampl. Tradução: Johannes Kreschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. V. 1.

OBBERG, Maria Sílvia Pires. **Informação e significação: a fruição literária em questão**. 2007. 211f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. São Paulo, 2007.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e Tendências Contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

\_\_\_\_\_. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Alea: Estudos Neolatinos**. v.10, n. 1, Rio de Janeiro, jan./jun. 2008. ISSN 1517-106X. atualizado em: 18 abr. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2008000100006&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2008000100006&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: 02 dez. 2017.



\_\_\_\_\_. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Org.).  
**Escola e Leitura**: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. **Teoria da literatura I**. 2.ed. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012. 208p.